



## RESILIÊNCIA E DIFERENCIAIS COMPETITIVOS DA INDÚSTRIA DE BASE FLORESTAL AJUDAM A ENFRENTAR OS DESAFIOS ESPERADOS PARA ESTE ANO

Inserido em um contexto transitório de particularidades diversas, setor fortalece atuação estratégica para superar gargalos e aproveitar oportunidades atuais

POR CAROLINE MARTIN  
Especial para *O Papel*

**A** conjuntura econômica que envolve o ano de 2023 promete trazer desdobramentos desafiadores nos próximos meses. Embora o Produto

Interno Bruto (PIB) brasileiro tenha fechado 2022 com um crescimento maior do que o esperado – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB brasileiro cresceu 2,9% no

ano passado –, algumas particularidades previstas para o ano em curso já refletem outro panorama: as análises referentes ao PIB de 2023 preveem um crescimento médio de 1%.





Para entender quais fatores justificam a previsão de queda, é preciso voltar o olhar ao desempenho do último ano, conforme explica Claudio Considera, coordenador de Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE). “O crescimento de 2022 foi muito baseado no consumo das famílias, fundamentalmente atrelado ao aquecimento do setor de serviços. Esse consumo de serviços havia sido prejudicado na pandemia e voltou a crescer com a reabertura da economia.

O consumo de bens não duráveis também cresceu, enquanto o de semiduráveis e o de bens duráveis caíram – essa última categoria teve uma queda ainda mais expressiva, uma vez que é bastante prejudicada pela taxa de juros.”

Ainda de acordo com a contextualização de Considera, a elevada taxa de juros deve se estender por 2023. “Apesar de ainda não termos números referentes ao desempenho econômico deste ano, além das projeções feitas pelos analistas, podemos notar alguns fatores que indicam que 2023 será um ano mais desafiador se comparado a 2022, a exemplo da taxa de juros ainda elevada e da taxa de desemprego, que havia caído há cinco meses, mas voltou a subir neste início de ano”, detalha.

Na avaliação de Paulo Feldmann, professor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEAUSP), 2023 tende a ser bastante afetado pelos fatos ocorridos em 2022. “De forma geral, o ano passado apresentou um bom fechamento e superou as expectativas que tínhamos. O fator problemático é que o crescimento do PIB se deu muito em função das chamadas medidas emergenciais. Destinadas à população mais carente, elas, de fato, foram necessárias naquele momento. O governo federal

também cortou determinados impostos, a fim de controlar a inflação. Esse conjunto de medidas terão repercussão no decorrer de 2023”, justifica, esclarecendo que a falta dos impostos que não foram arrecadados no ano passado passará a ser sentida nos próximos meses, mesmo que, no início de março último, o governo tenha anunciado a volta parcial de impostos federais para a gasolina e o etanol, por exemplo. “Chegou o momento em que o governo federal deverá complementar os recursos que seriam destinados aos governos estaduais por meio dos tributos que não foram arrecadados em 2022. Como o governo federal não tem esses recursos disponíveis, precisa de uma arrecadação muito maior para fazer o repasse aos estados, o que faz com que a taxa de juros permaneça alta. A contrapartida é que a economia tende a ficar estagnada, uma vez que é mais vantajoso direcionar investimentos a um destino público do que investir em atividade produtiva.”

Direcionando o enfoque à taxa de desemprego vista atualmente, Feldmann aponta que a ausência de uma política de geração de empregos nos últimos anos é mais um fator que pode trazer reflexos negativos a 2023. As perspectivas dele a respeito deste aspecto, contudo, são positivas. “O novo governo já sinalizou



DIVULGAÇÃO FGV IBRE

**Considera: “O crescimento de 2022 foi muito baseado no consumo das famílias, fundamentalmente atrelado ao aquecimento do setor de serviços”**

que pretende dar ênfase à geração de empregos. Recentemente, o presidente Lula declarou que há 4 mil obras paradas no Brasil e enfatizou que o governo dará prioridade para que elas sejam retomadas. Considerando que são obras espalhadas por todo o País, se a meta for atingida, representará uma medida eficiente para a economia, atuando como uma contrapartida ao efeito negativo decorrente da taxa de juros alta.”

O contexto externo pode somar mais um fator positivo no horizonte previsto para 2023. A esperada retomada econômica da China – relevante destino das exportações brasileiras – e o acordo do Mercosul com a União Europeia estão entre eles. “Se a China realmente voltar a crescer, teremos mais um aspecto que poderá contribuir com o crescimento brasileiro. Embora 2023 deva se apresentar como um ano difícil, considerando que o governo federal está muito sacrificado, alguns fatores podem repercutir positivamente”, resume Feldmann.

Uma reforma tributária também deve se desenrolar ao longo deste ano. “Sabemos que algumas questões do sistema tributário brasileiro precisam ser solucionadas – uma delas é a carga tributária que in-

cide sobre as empresas e se destaca como uma das mais altas do mundo, afetando a competitividade das mesmas. Uma carga tributária menor para as empresas, no entanto, significa que alguém terá de pagar mais impostos. Aí é que entra em cena o entrave político que bem conhecemos”, contextualiza o professor da FEAUSP.

As sinalizações recentes indicam que uma alternativa mais imediata de reforma tributária pode estar atrelada a uma redução do imposto sobre a indústria e uma tributação maior sobre serviços, conforme explica Considera. “Ao reduzir a taxa de imposto sobre os bens, passa-se a barateá-los, aumentando, consequentemente, o consumo e a produção. De qualquer forma, ainda é cedo para dizer qual efeito isso traria para a economia, especialmente no curto prazo.”

Um esperado incremento do investimento externo desponta como mais um fator positivo a partir deste ano. Na perspectiva de Feldmann, é provável que estes aportes cresçam devido à força que a democracia brasileira demonstrou ter em janeiro último. “Os acontecimentos recentes mostraram ao mundo que temos uma democracia sólida e que as nossas instituições são muito fortes. Acredito,

portanto, que a questão da instabilidade política deva ir se dissipando, resultando em um ambiente mais estável e favorável à volta do investimento estrangeiro.”

### **BNDES segue atuando como importante aliado da indústria nacional**

Segundo o levantamento mais recente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os investimentos previstos pelo setor de base florestal nos próximos cinco anos somam um aporte de US\$ 10,8 bilhões (cerca de R\$ 56 bilhões). “Se todos esses projetos forem passíveis de apoio pelo BNDES, o potencial de financiamento do Banco poderia alcançar cerca de R\$ 22,4 bilhões nesse período, considerando a participação histórica do BNDES”, pontua José Luis Gordon, diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES.

Nos últimos dez anos, por exemplo, as empresas do setor apresentaram projetos ao BNDES que totalizaram cerca de R\$ 34,3 bilhões em investimentos – deste montante, o Banco financiou aproximadamente R\$ 15,1 bilhões, correspondendo a 44% do valor total, demonstrando a forte presença na execução de investimentos importantes dessa indústria.

Gordon pondera que, mais recentemente, as empresas têm demonstrado uma situação de caixa mais confortável, refletindo uma maior capacidade de acesso a mercados de capitais e representando um fator que pode reduzir a participação do BNDES nos próximos projetos. “De qualquer forma, investimentos de tal magnitude manterão a representatividade do setor na geração de empregos, divisas e recolhimento de impostos, posicionando-o como um dos motores da atividade industrial brasileira”, sublinha. “O BNDES sempre teve um papel estratégico para a indústria brasileira de maneira muito ampla e pretendemos reforçar essa posição. A análise do relacionamento do BNDES com a indústria de celulose e papel é um exemplo claro dessa atuação em prol do desenvolvimento produtivo

ARQUIVO PESSOAL



**“Se a China realmente voltar a crescer, teremos mais um aspecto que poderá contribuir com o crescimento brasileiro. Embora 2023 deva se apresentar como um ano difícil, considerando que o governo federal está muito sacrificado, alguns fatores podem repercutir positivamente”, resume Feldmann**





**Gordon: “A análise do relacionamento do BNDES com a indústria de celulose e papel é um exemplo claro da atuação em prol do desenvolvimento produtivo brasileiro, pois, ao longo de seus 70 anos de história, evidencia a construção de uma verdadeira parceria, com benefícios inequívocos para a economia brasileira”**

brasileiro, pois, ao longo de seus 70 anos de história, evidencia a construção de uma verdadeira parceria, com benefícios inequívocos para a economia brasileira”, completa, ao fazer o balanço.

Ainda de acordo com o retrospecto feito por Gordon, o binômio “provisão de recursos financeiros/acúmulo de conhecimento” permitiu desenvolver uma indústria internacionalmente competitiva, além de formar uma base de tecnologia florestal extremamente avançada, capaz de garantir aumentos constantes de produtividade. “O apoio do Banco ao setor foi fundamental para que o Brasil alcançasse essa privilegiada condição competitiva. O BNDES participou de quase todos os grandes projetos ou expansões de capacidade implementadas no País desde a década de 1950. Também apoiou a expansão da base florestal necessária para suportar esses aumentos de capacidade produtiva, através de financiamento direto ou participação acionária.”

Atualmente, o Banco opera com uma linha de crédito especialmente destinada a projetos florestais, com prazo total de até 15 anos, com sete anos de carência, compatível com o ciclo de crescimento do eucalipto. Já para projetos industriais, o prazo total pode alcançar 20 anos (nos

casos de projetos *greenfield*), com carência de até seis meses após o prazo de implementação. “O setor de papel e celulose continuará sendo apoiado pelo BNDES, com a utilização de mecanismos tradicionais de financiamento ou com novas modelagens de crédito que poderão ser implementadas. E não apenas esse setor, mas, como dito antes, buscaremos reforçar a posição do BNDES em prol do

desenvolvimento produtivo nacional e endereçar as demandas de um setor industrial mais sustentável, inclusivo e inovativo”, afirma Gordon, salientando que o BNDES está preparado para a missão e segue disponível para dialogar com todo o setor produtivo.

### **De que forma os desdobramentos previstos para 2023 podem impactar o setor**

A manutenção da taxa de juros e a desaceleração da economia brasileira esperadas para este ano podem representar impactos aos fabricantes de celulose e papel. “Enquanto o desempenho econômico pode não trazer boas notícias para os produtores de papel focados no mercado interno, a manutenção da taxa de juros em altos patamares deve afetar a taxa cambial (dólar estável), trazendo desafios para os players exportadores”, esclarece Marcello Collares, vice-presidente de Desenvolvimento de Negócios da Cadeia de Valor Florestal da Fisher International.

Na análise de Marcio Funchal, fundador da Marcio Funchal Consultoria, o cenário provável para a economia interna é de aumento do custo do dinheiro, fator que pode impactar a capacidade de pagamentos dos financiamentos das in-



**“Enquanto o desempenho econômico pode não trazer boas notícias para os produtores de papel focados no mercado interno, a manutenção da taxa de juros em altos patamares deve afetar a taxa cambial, trazendo desafios para os players exportadores”, esclarece Collares**

DIVULGAÇÃO MARIO FUNCHAL CONSULTORIA



**Funchal: "A pujança do setor brasileiro de celulose tem a oportunidade de conquistar mais posições no *share* internacional, uma vez que tem capacidade técnica e competitiva para operar nas condições atuais"**

dústrias brasileiras. "Além disso, o custo operacional (principalmente logística de abastecimento e entrega) e de fabricação (notadamente matéria-prima, insumos e utilidades) deverão continuar elevados, mesmo que sejam diluídos ao longo do tempo por projetos industriais maiores e/ou ampliações de capacidade", sinaliza.

Já direcionando o olhar ao contexto externo, Collares informa que os Estados Unidos enfrentam níveis de inflação não vistos há mais de 30 anos, além de apresentar queda de empregos das indústrias de tecnologia, força motriz da economia estadunidense. A Europa, com as incertezas da guerra entre Rússia e Ucrânia e restrições energéticas, prepara-se para um ano cercado de desafios, enquanto a China ensaia uma retomada econômica pós-Covid ainda cercada de incertezas. "Mas nem tudo são más notícias. A maior aceitação de Folding Box Board (FBB) pelo mercado norte-americano, a menor competitividade de produtores europeus pelo aumento do custo de energia e a redução significativa dos fretes marítimos para a Ásia devem ajudar os produtores brasileiros a navegar bem em 2023. Uma ação comercial mais tática e inovadora pode ser demandada, mas é provável que nos saíamos bem", opina ele.

Para Funchal, o cenário macroeconômico mundial está passando por profunda transformação. "As principais economias globais vivenciam déficits fiscais importantes em razão da forte impressão de moeda e estímulos monetários ocorridos durante e após a crise sanitária mundial. No momento, estes países estão com forte pressão inflacionária, o que tem demandado sucessivos aumentos

das taxas de juros como tentativa de frear as respectivas economias. Este cenário de elevação global de preços tem impactado negativamente a demanda de várias cadeias produtivas, uma vez que diversos indicadores têm convergido para um diagnóstico cada vez evidente de nova crise econômica mundial. Já temos desaceleração em vários setores industriais e aumento de estoques em outros", detalha.

A despeito do contexto adverso, Collares e Funchal concordam que a celulose de fibra curta brasileira seguirá apresentando suas vantagens competitivas no mercado nacional e internacional. "A indústria de celulose já estava de certa forma preparada para este cenário, pois o recente crescimento de preços mundiais não era sustentável e hoje já se encaminha para patamares próximos de uma lógica de mercado. A pujança do setor brasileiro de celulose tem a oportunidade de conquistar mais posições no *share* internacional, uma vez que tem capacidade técnica e competitiva para operar nas condições atuais. Tudo indica que o cenário dos próximos anos será positivo para os fabricantes brasileiros, notadamente aqueles com portfólio de dívida ajustado para os riscos atuais", resume Funchal.

DIVULGAÇÃO SUZANO



**A demanda global de celulose deve crescer 1,4 milhão de toneladas em 2023 – deste total, 1,2 milhão de toneladas do acréscimo deve vir da China**

A demanda global de celulose deve crescer 1,4 milhão de toneladas em 2023 – desse total, 1,2 milhão de toneladas do acréscimo deve vir da China. Impulsionada pela reversão das políticas Zero-Covid bem como pelas diretrizes do governo para apoiar o consumo doméstico, a economia chinesa está pronta para se recuperar ao longo de 2023.

A oferta de celulose, contudo, também deve crescer e trazer impactos à dinâmica de mercado e, conseqüentemente, aos preços praticados em 2023. “O contexto de 2022 foi marcado por disrupções de oferta inesperadas e significativas, que impactaram o balanço entre oferta e demanda, principalmente no primeiro semestre do ano. Em resumo, vimos uma performance ruim do lado da oferta ao mesmo tempo em que a demanda se comportou relativamente bem. Como resultado, foi um ano em que o preço da celulose de fibra curta iniciou a US\$ 580/t e chegou a um pico de US\$ 860/t”, esclarece Thiago Lofiego, analista sênior responsável pelos setores de Papel e Celulose e Siderurgia e Mineração do Bradesco BBI, ao fazer o retrospecto.

Em queda desde o final de 2022, atualmente, o preço médio da celulose de fibra curta é de US\$ 710/t e pode chegar a US\$ 570/t até o final deste ano. “Hoje, o nível de produção de celulose está mais alto. A disponibilidade de celulose aumentou porque, até o momento, as disrupções do ano passado não estão se repetindo.”

Ainda de acordo com a contextualização de Lofiego sobre o mercado de celulose neste ano, a demanda europeia começou a dar sinais de enfraquecimento, enquanto a recuperação de demanda por conta da reabertura de China ainda não se mostrou relevante, somando mais fatores que podem desequilibrar a dinâmica de mercado. A expectativa de mais adição de capacidade ao longo do ano, com os *ramp ups* dos projetos Paso de los Toros, de 2,1 milhões de toneladas, da UPM, MAPA, de 1,5 milhão de toneladas, da Arauco, e Kemi, de 1,5 milhão de toneladas, da Metsa, também começa a se materializar nos próximos



**Lofiego: “O contexto de 2022 foi marcado por disrupções de oferta inesperadas e significativas, que impactaram o balanço entre oferta e demanda, principalmente no primeiro semestre do ano”**

meses, fazendo com que o preço de celulose fique pressionado.

De acordo com o Boletim Cenários IBÁ, de janeiro a dezembro de 2022, a produção brasileira de celulose teve um aumento de 10,9% em relação ao mesmo período de 2021, atingindo um recorde de 25 milhões de toneladas. Os dados apontam crescimento de 22,1% nas exportações, com recorde de 19,1 milhões de toneladas. China, União Europeia e América do Norte despontaram como principais destinos.

Dando enfoque à celulose solúvel, Carlos Mariotti, gerente executivo de Política Industrial da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), ressalta que a principal aplicação é voltada à fabricação de viscosa, utilizada na indústria têxtil, com enorme potencial para se fortalecer como alternativa ao poliéster. “Também podemos encontrar a matéria-prima em centenas de outros produtos, que vão desde pneu de avião, passando pela armação do óculos de acetado, esponja de lavar louça, cosméticos, alimentos, até um milkshake. Segundo a The Fiber Year, de 2000 até 2018, a participação de viscosa no mercado global avançou de 4,8% (2,7 milhões de toneladas) para 6,5% (6,9 milhões de toneladas). A esti-

mativa é que chegue a 7% (8,5 milhões de toneladas) até 2023.”

No Brasil, há duas fábricas recentes que produzirão celulose solúvel, conforme atualiza Mariotti: “a Bracell, com o Projeto Star, instalada em Lençóis Paulista-SP, com linhas de produção flexível, podendo produzir tanto celulose solúvel como celulose kraft, e a LD Celulose, joint venture entre a Dexco e a austríaca Lenzing, no Triângulo Mineiro, que recentemente inaugurou sua unidade fabril, toda voltada para celulose solúvel com foco na fabricação de viscosa”.

Em relação à produção de papel, considerando todos os tipos de papel, o Boletim Cenários IBÁ aponta que foram produzidas 11 milhões de toneladas em 2022, valor que reflete um aumento de 3,5% em relação a 2021, incremento puxado pelos papéis para embalagem. As exportações do ano passado também apresentaram um crescimento de 21%, com um total de 2,5 milhões de toneladas.

Falando do segmento de papéis especiais especificamente, Mariotti informa que o papel térmico (cupom fiscal de venda e canhoto de cartão de crédito, por exemplo) apresentou sérias dificuldades na pandemia, devido às medidas públicas de segurança que impuseram a restrição



de abertura e de funcionamento do comércio e das transações físicas com cartão de crédito. Com a volta do varejo em 2022, houve uma rápida recuperação da demanda e, conseqüentemente, da produção. Por outro lado, dentro desse mesmo segmento, a demanda por etiquetas foi impulsionada pelo e-commerce, delivery e embalagens durante a pandemia. “Para ambos os exemplos, o crescimento será orgânico com tendência de potencial crescimento da demanda por etiquetas, também em razão da aplicação em outros materiais, como folhetos, folders e afins”, detalha Mariotti.

O segmento de papelcartão, por sua vez, tem sido impulsionado por dois fatores principais: o movimento crescente de substituição de embalagens de plástico – incluindo embalagens de delivery e e-commerce, e embalagens de alimentos para serem preparados ou prontos para consumo, em boa parte devido ao modelo híbrido de trabalho adotado no pós-cenário da pandemia de Covid-19 – e o incremento apresentado pelo *food service* (copos, bandejas,



DIVULGAÇÃO IBA

**Mariotti lembra que o segmento de imprimir e escrever enfrenta a constante batalha contra o desvio de finalidade do papel imune**

canudos), pelo mercado de higiene e de bebidas, como leites, sucos e packs de cerveja. “É importante destacar que o mundo atual busca pela restrição dos produtos plásticos de uso único. Nesse sentido, a IBÁ tem apoiado este tipo de movimento consciente dos consumidores para que a legislação brasileira seja

modernizada por meio de um apelo mais sustentável. Um exemplo disso e de dentro do próprio Congresso é o projeto de lei PL-2524/2022, que propõe a restrição do uso único de plástico e a criação de incentivos para produtos que sejam biodegradáveis e compostáveis”, contextualiza Mariotti.



DIVULGAÇÃO SUZANO

**O mercado de papel imprimir e escrever, outro protagonista do mercado de papel, está voltando aos níveis de consumo estrutural pré-pandemia**

O mercado de papel imprimir e escrever, outro protagonista do mercado de papel, está voltando aos níveis de consumo estrutural pré-pandemia. Segundo Mariotti, espera-se um crescimento orgânico para este ano, considerando a retomada das atividades corporativas e escolares – sempre com a produção voltada ao mercado doméstico, mas também com um olhar exportador, principalmente para a América Latina, com destaque ao mercado argentino. “O país vizinho é um dos nossos principais mercados, entretanto, a indústria brasileira tem encontrado dificuldades com o novo sistema de importações e exigências do licenciamento não automático. Há a expectativa de que o movimento de aproximação dos governos brasileiro e

argentino pode trazer uma melhoria nesse fluxo, voltando à normalidade e contribuindo com a recuperação do volume exportado. Enquanto a diplomacia trabalha, a proposta do governo brasileiro em financiar as exportações brasileiras para o mercado argentino seria determinante”, esclarece.

O gerente executivo de Política Industrial da IBÁ lembra que o segmento de imprimir e escrever enfrenta a constante batalha contra o desvio de finalidade do papel imune. A expectativa para 2023 é de que as frentes de combate ao desvio de finalidade de papel imune sejam intensificadas, diante do Termo de Cooperação Técnica firmado entre a Receita Federal do Brasil e a IBÁ, e tratativas em andamento jun-

to aos FISCOs estaduais de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro.

Já o segmento tissue apresentou um crescimento de 6,7% no volume de produção de 2022 em comparação ao volume produzido no ano anterior. “Considerados produtos básicos de higiene e essencial de consumo, o papel higiênico, por exemplo, é mais resiliente às oscilações de mercado. Tal crescimento é observado não só em 2022, mas também ao longo dos últimos anos. Políticas governamentais de transferência de renda adotadas contribuem para o crescimento do consumo de tissue. Investimentos para melhoria da qualidade dos produtos seguem as tendências de migração do consumidor para o consumo do papel higiênico de folha simples para o de folha dupla e de folha dupla para o de folha tripla. Consequência desta migração é o aumento do consumo per capita que, se comparado com outros países da América Latina, ainda é baixo”, comenta Mariotti.

Os dados concretizados pela Associação Brasileira de Embalagens em Papel (Empapel) demonstram que 2022 foi um ano desafiador para o segmento de papelão ondulado. O resultado final de 2022 mostra que o Índice Brasileiro de Papelão Ondulado (IBPO) caiu 3,47% em dezembro, se comparado com o mesmo mês de 2021. O primeiro semestre de 2022 sobre 2021 registrou queda de 6,0%, em conformidade com a abertura econômica, o crescimento do setor de serviços e a volta à sazonalidade do setor, enquanto o segundo semestre, com os eventos de fim de ano, cresceu 1,6% sobre o mesmo período do ano anterior. Assim, o ano terminou com queda de 2,2 % em relação a 2021 na expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado, e foi para 3,9 milhões de toneladas ante 4,0 milhões de toneladas em 2021.

“Os principais fatores desse desempenho continuam sendo a resiliência do setor no fornecimento de embalagens para bens não duráveis, o crescimento do e-commerce, embora em menor ritmo,





DIVULGAÇÃO EMPAPEL



**Gabriella informa que as projeções para o segmento de papelão ondulado em 2023 são positivas, com um crescimento estimado de 1,1%, em um cenário pessimista, a 4,9%, em um cenário otimista**

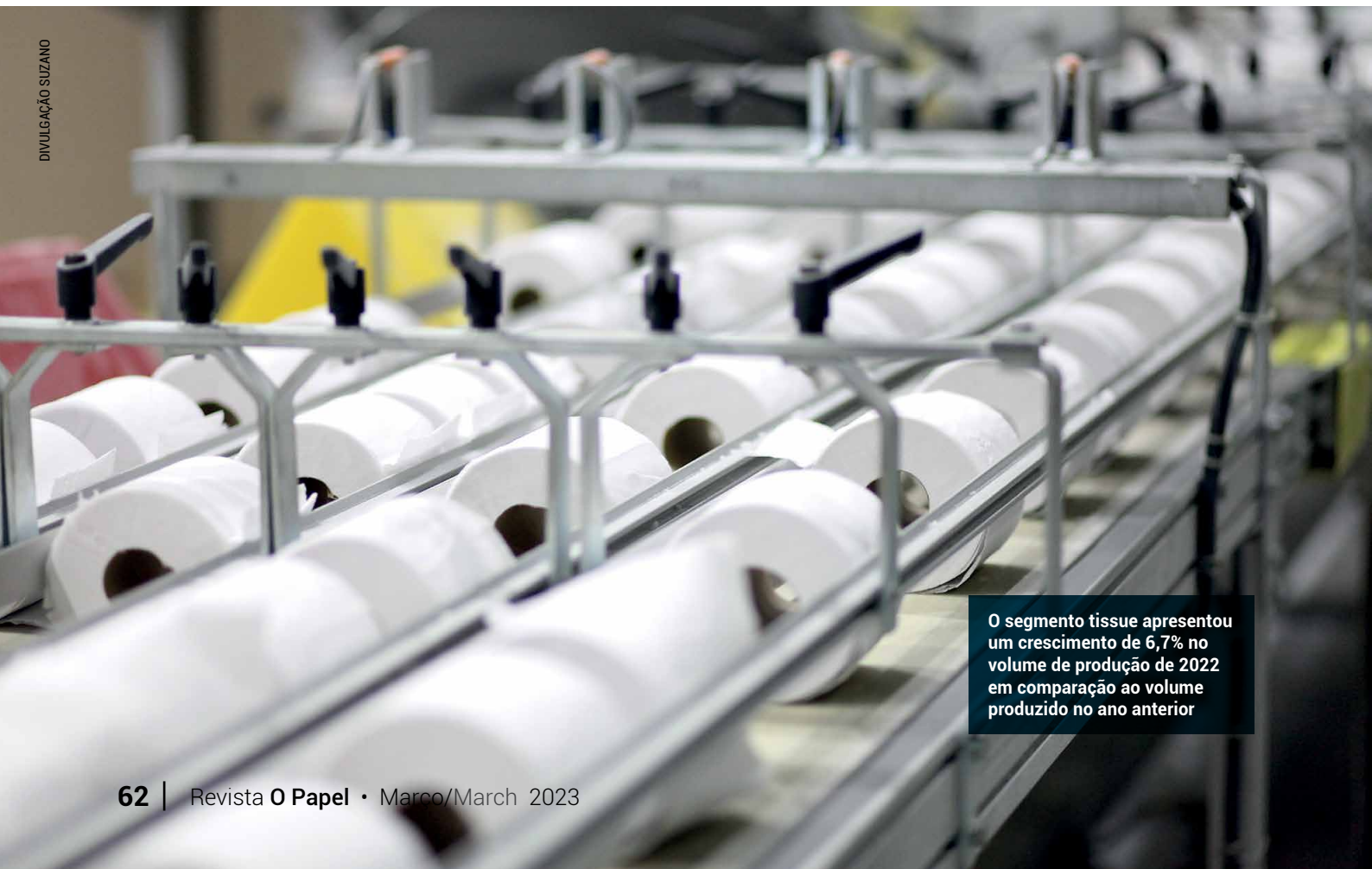
e a busca por embalagens mais sustentáveis”, comenta Gabriella Michelucci, presidente do Conselho de Administração da Empapel. Em sua análise, o grande desafio de 2022 continuou sendo a inflação, impactada pela menor oferta

de insumos e materiais pela demanda global, principalmente no primeiro semestre do ano, somada à necessidade de reposição dessa perda de margem no mercado. “Acompanhamos também queda nos índices de confiança da indústria

e dos consumidores. Embora com algum nível de recuperação da massa salarial, melhoria do nível de emprego e redução da inflação, as embalagens para bens duráveis recuaram, devido ao maior endividamento das famílias e menor acesso ao crédito. Consideramos o desempenho de 2022 satisfatório, uma vez que a base de comparação estava num patamar bastante alto, tendo 2021 como o melhor ano da série histórica.”

Ao cruzar as estatísticas da Empapel com os dados colhidos pela Fastmarkets, Rafael Barisauskas, economista da América Latina da Fastmarkets RISI, informa que o setor alimentício, incluindo proteína animal, frutas, comida industrializada ou processada, representou cerca de 66% da demanda total por papelão ondulado no País em 2022. “Grande parte da produção doméstica de comida no ano passado, desconsiderando em nossa análise grãos ou outros produtos comercializados a granel, foi direcionada às exportações. Ainda de acordo com nossas estimativas e dados

DIVULGAÇÃO SUZANO



**O segmento tissue apresentou um crescimento de 6,7% no volume de produção de 2022 em comparação ao volume produzido no ano anterior**

de comércio exterior, o Brasil exportou um total de 44,5 milhões de toneladas de alimentos que utilizaram embalagens de papel corrugado em seu transporte em 2022, volume 9,4% superior ao exportado em 2021.”

Na avaliação de Barisauskas, tais fatos refletem uma situação delicada: por um lado, a maior parte do consumo de papel corrugado no País está relacionada à produção de alimentos, sobretudo aqueles que serão exportados e cujo volume negociado cresceu quase 10% em um ano. Por outro, o consumo total de papel corrugado no País decresceu à medida que o poder de compra das famílias se deteriorou rapidamente com subida da inflação, aumento do endividamento e taxas de juros. “Ficou claro que, por mais resiliente que o consumo de papelão corrugado seja, por estar relacionado a bens essenciais – alimentos em um primeiro momento e, sob uma análise mais ampla, produtos cosméticos, de higiene e limpeza –, ela não é eterna e inabalável. Isso fica evidente quando observamos que o aumento nas exportações dos principais segmentos demandantes do setor não foi suficiente para compensar a queda no consumo doméstico”, justifica.

Outro ponto evidenciado por 2022, segue Barisauskas, foi a desmistificação de que o e-commerce seria um segmento de crescimento tido como “infinito” por muitos no mundo pós-pandemia. Para ele, é nítido que os hábitos de consumo, sobretudo de famílias de média e alta renda, mudaram de forma drástica desde 2020 e muitos hábitos de compras on-line seguiram após a reabertura econômica iniciada em 2021 e consolidada no ano passado. Contudo, há limites estruturais para o varejo eletrônico no País.

O primeiro aspecto é que, apesar das taxas de acesso à internet serem maior em dispositivos móveis do que em lares no Brasil, de forma geral, elas ainda seguem muito abaixo daquelas vistas em países desenvolvidos – segundo dados do último Censo Demográfico, 70% ou menos dos lares brasileiros possuíam



**Vilas Boas lembra que a indústria nacional de papéis para embalagem está concluindo um ciclo de investimentos, então, o próximo ciclo não deve impactar o mercado nos próximos anos**

acesso à internet, enquanto na Europa pelo menos 95% das casas têm conexão. Em segundo lugar, índices de preços para o comércio eletrônico mostram que costuma haver um prêmio de cerca de 15% em relação aos valores praticados no varejo físico, incluindo custos de envio. “Preços mais altos em um ambiente de poder de compra deteriorado não costumam combinar e, portanto, significam que apenas uma parcela menor da população pode arcar com os custos das compras on-line”, pontua Barisauskas. Por fim, a reabertura econômica fez com que muitas famílias voltassem a fazer parte de suas compras no varejo físico, seja por conta de uma questão de preferência ou de facilidade.

Para o setor de aparas, o cenário visto em 2022 foi ainda mais desafiador, conforme descreve Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística. “Registramos a entrada de novas capacidades de produção de papel a partir de fibras virgens no mercado concomitantemente a uma redução no consumo de papéis reciclados, inclusive com a paralisação de unidades produtoras de papel a partir de aparas.”

Vilas Boas aponta mais um agravante do contexto vivenciado em 2022: “a queda no valor das aparas no mercado mundial permitiu a indústria nacional

reiniciar um processo de importações que derrubou os preços do material em proporções ainda maiores que as verificadas para os demais produtos”.

Para 2023, informa Gabriella, as projeções são positivas, com um crescimento estimado de 1,1%, em um cenário pessimista, a 4,9%, em um cenário otimista. “O cenário-base de crescimento projetado é de 2,6%, ancorado na resiliência do setor, uma vez que os primeiros seis meses do ano serão marcados por muitas discussões entre Executivo e Congresso. O consumidor, por sua vez, quando não tem confiança, age com redução de consumo. Por outro lado, temos uma injeção importante para acontecer no mercado: a PEC (da Transição), aprovada no final de 2022, injeta R\$ 170 bilhões extras no orçamento, melhorando a renda das famílias e dos consumidores”, detalha ela.

Segundo Gabriella, outros indicadores, como o estoque na indústria e a escassez de matérias-primas em segmentos automobilístico, de limpeza e perfumaria, máquinas e equipamentos, informática e eletrônicos, merecem atenção nos próximos meses. O IBPO subiu 3,3% em janeiro de 2023, na comparação com o mesmo mês de 2022. Em termos de volume, a expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão





**Barisaukas pondera que mudanças expressivas no perfil de consumo passam necessariamente por mudanças estruturais da economia e da sociedade brasileira**

ondulado alcançou de 318,4 mil toneladas no mês. O resultado é inferior aos janeiros atípicos de 2020 e 2021 (318,6 mil toneladas e 335,4 mil toneladas, respectivamente), mas superior a 2022 (308,2 mil toneladas) e aos anos anteriores à pandemia.

Também avaliando o cenário previsto para 2023, o economista da América Latina da Fastmarkets RISI aponta que há diversos aspectos diferentes em relação ao contexto vivido em 2022. “De forma geral, projetamos alta de cerca de 3% na expedição total de caixas, chapas, acessórios e outros produtos de papel ondulado para o ano. Primeiro, acreditamos que o pico de inflação no País ficou para trás. As políticas anti-inflacionárias conduzidas pelo Banco Central desde o final de 2021 frearam a inflação, que segue alta, mas não mais ascendente. Segundo, a aprovação de forma contínua de programas sociais como o Auxílio Brasil deve significar uma elevação perene na massa de rendimento das famílias mais necessitadas, estimulando o consumo de bens essenciais e, portanto, de embalagens. Por último, existe a perspectiva de uma maior integração econômica com países latino-americanos, seguindo a

agenda defendida pelo atual governo e o que deve se traduzir em algum grau em crescimento das exportações de bens brasileiros e em maior consumo de embalagens no mercado interno”, elenca Barisaukas.

Vilas Boas lembra que a indústria nacional de papéis para embalagem está concluindo um ciclo de investimentos, então, o próximo ciclo não deve impactar o mercado nos próximos anos. “Outro fato positivo é que o setor de papel, após algumas décadas perdendo mercado para o plástico, está revertendo esse processo por razões ambientais”, pontua o diretor da Anguti Estatística. Gabriella reforça que investimentos em pesquisa e tecnologia estão nas pautas tanto dos fabricantes de fibras quanto de embalagens, em busca do desenvolvimento de materiais mais leves, mais inteligentes e mais resistentes, fortalecendo as alternativas às embalagens plásticas.

Barisaukas pondera que mudanças expressivas no perfil de consumo passam necessariamente por mudanças estruturais da economia e da sociedade brasileira. “Uma sociedade secularmente desigual e que hoje possui mais de 30 milhões de pessoas em situação

de fome não pode prover ao mercado consumidores conscientes a alternativas sustentáveis em embalagem e resilientes às flutuações econômicas. Ao contrário, desigualdade econômica se traduz em crescimento aquém do potencial do consumo de bens e serviços, a despeito de um eventual desempenho positivo do PIB”, enfatiza, ao lembrar que o consumo de papelão corrugado no Brasil é de aproximadamente 20,8 kg per capita por ano, valor menor do que na América do Norte ou Europa, e abaixo dos quase 24 kg per capita por ano consumidos pela Argentina, país que sofre com inflação alta e deterioração violenta do poder de compra de seus habitantes há anos.

Estendendo a contextualização ao posicionamento do Brasil no cenário global, Mariotti destaca que o País tem retomado o seu papel de protagonista no mundo em relação às questões ambientais, a começar pela presença recente de delegações do setor de árvores cultivadas na COP27, realizada no Egito. Além do protagonismo na agenda ambiental, espera-se que o Brasil conquiste novamente um perfil diplomático de maior projeção internacional. “Para isso, é fundamental enfrentar o desmatamento e outras ilegalidades, principalmente na região amazônica”, frisa o gerente executivo de Política Industrial da IBÁ.

“O desafio das mudanças climáticas se tornou assunto central nas discussões da sociedade, de nações e corporações, como também pudemos observar durante o Fórum Econômico Mundial 2023, em Davos. O setor financeiro demonstrou preocupação com o risco climático, evidenciando as possibilidades que a transição verde pode trazer para a economia global”, adiciona Mariotti, lembrando que em dezembro deste ano o Brasil assumirá a presidência do G20, mais uma grande oportunidade para retomar seu histórico papel de cooperação em pautas fundamentais para o planeta. ■